



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

000001

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE ERECHIM

PODER LEGISLATIVO

PROJETO DE LEI LEGISLATIVO Nº 020/2014

Denomina artéria de nossa cidade de
**RUA Eloy Mello Da
Silveira"COMERCIANTE"**

- 1 – MENSAGEM DE ENCAMINHAMENTO
- 2 – PROJETO DE LEI
- 3 – JUSTIFICATIVA
- 4- LOCALIZAÇÃO DA ARTÉRIA PARA DENOMINAÇÃO
- 5- MAPA DE CONFRONTAÇÃO DA ARTÉRIA
- 6- DOCUMENTAÇÃO DO HOMENAGEADO

Sala das Sessões, 05 agosto de 2014.

Vania Y. S. Miola
Vania Isabel Smaniotto Miola
Vereadora Bancada PPS



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE ERECHIM

PODER LEGISLATIVO

060002

MENSAGEM DE ENCAMINHAMENTO

A vereadora abaixo subscrita, amparada pela lei orgânica do Município e pelo regimento interno dessa Casa, encaminha para tramitação legal, o presente Projeto de Lei Legislativo, que denomina Artéria de nossa Cidade de Rua **ELOY MELLO DA SILVEIRA "COMERCIANTE"**.

Sala das Sessões, 05 de Agosto de 2014.

Vania Y. S. Miola
Vania Isabel Smaniotto Miola

Vereadora Bancada PPS



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE ERECHIM

PODER LEGISLATIVO

000003

PROJETO DE LEI LEGISLATIVO Nº 020/2014

“Denomina Artéria de nossa Cidade de Rua **Eloy Mello Da Silveira**
“**COMERCIANTE**”.

Art. 1º - É dada denominação de **Rua Eloy Mello Da Silveira “COMERCIANTE”**, a uma artéria de nossa cidade.

Art. 2º - A artéria localiza-se no Loteamento Rio Tigre I, Rua “E”, entre as quadras D e E, iniciando na Rua “A” até a Rua F, direção norte-sul.

Art. 3º - A placa indicativa conterá os seguintes dizeres: **Rua Eloy Mello Da Silveira “COMERCIANTE”**.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrario.

Art. 5º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões, 05 de agosto de 2014.

Vania Y. S. Miola
Vania Isabel Smaniotto Miola

Vereadora Bancada PPS

Justificativa

Eloy Mello da Silveira vem de uma família descendente de portugueses e açorianos que vieram para o interior do Rio Grande do Sul e se estabeleceram. Como base no Brasil, dos três irmãos que atravessaram o mar, um se estabeleceu em São Paulo, outro mais para o nordeste e um em nosso estado, mais precisamente ao lado da cidade de Júlio de Castilhos, onde fundaria a então cidade de Tupanciretã, conhecida anteriormente por ser a capital do gado Charolês e hoje uma das maiores produtoras de soja do Rio Grande do Sul. A espada de seu fundador está localizada em um museu na capital do Estado.

Nas cidades de Tupanciretã e Júlio de Castilhos a família possui em seus cemitérios mausoléus onde estão enterrados os restos mortais de seus pais.

Eloy, filho de João e Maria Mello da Silveira, nasceu no dia 15 de julho de 1937, perdendo a sua mãe com apenas dez anos de idade, vítima de tuberculose, doença que na época não tinha cura.

Frequentava o Colégio Joaquim Nabuco em Tupanciretã, época em que ia para as aulas de avental branco e engomado, sandálias ou alpargatas. Sempre contava que tinha uma professora que se chamava Pimenta, no qual fazia juz ao nome que tinha, pois era muito brava. Époça em que se batia nas mãos dos alunos ou forçava-se a ficar de joelhos em grãos de milho.

Após a morte de sua mãe, passou a ser muito mimado pela vó materna e madrinha Neta, que fazia todas as suas vontades para compensar a perda da mãe. Foi morar com ela, formando desta forma uma nova família. Como brincadeira de criança, a inseparável bolita, ou bolinha de gude.

Singular, sempre usava os tradicionais suspensórios para segurar as calças e no inverno rigoroso dos pampas gaúcho, o tradicional pala para se aquecer. Curiosamente, mesmo sendo filho de gaúcho nato, visto que seu pai nunca usou outro tipo de roupa, a não ser as bombachas, Eloy nunca usou uma, mesmo gostando muito do tradicionalismo e do grande amigo Teixeira que, quando ambos ainda muito jovens, dividiam um quarto de

pensão em Passo Fundo. Sempre admirou o velho amigo dos tempos difíceis.

Quando criança, hoje abominável, mas naquela época uma diversão, também gostava de caçar passarinhos, marcando no próprio bodoque o número de aves abatidas. Também gostava de caçar marrecos, hábito de seu pai nas grandes caçadas juntamente com outros fazendeiros daquela região.

Não serviu o exército porque caiu de uma égua, fez cirurgia e isto o impediu de servir, pois tinha plaquetas no fêmur direito, fato que sempre o incomodava, principalmente dos dias de chuva e inverno. Quando dizia que sua perna estava doendo, era certo que a chuva estava chegando. Sempre lembrava que, na noite em que teve que fazer a cirurgia faltou luz e a dor foi insuportável.

Sempre gostou de tango e bolero, embora não era chegado a dança, mas era um bom observador, mas acima de tudo, muito paquerador. Fez curso de sapateiro, concertava sofás e móveis. Tinha o dom para trabalhar com a madeira, que aliás, conhecia cada uma penas pelo cheiro.

Quando seu pai perdera tudo pela grande crise que se instalara com a redução drástica do preço da terra e o acúmulo de dívidas com o Estado, foi para a capital do Estado em busca de uma nova vida.

Trabalhou na Rádio Farroupilha como cobrador e morava em uma pensão. Era chamado de “Bonitinho” porque sempre andava de terno e gravata. Era muito vaidoso. Também trabalhou em um parque de diversões onde se transformava em homem macaco, foto ainda guardada pela família prova a proeza.

Saindo de Porto Alegre veio para Passo Fundo onde trabalhava como montador de móveis na Fábrica Santa Terezinha, onde aprendeu muito sobre a arte da marcenaria. Após veio a morar em Erechim, cidade que ainda encontrava-se de chão batido.

Como era namorador, em uma das conquistas, conheceu Renúncia Maria da Silveira, sua esposa por 50 anos. Sempre falou que o que mais lhe chamava a atenção eram as pernas dela.

Desde que saiu de casa sempre lutou para sobreviver. Quando morou pela primeira vez em sua casa fez sua primeira prateleira com quatro repartições, móvel que existe até hoje como a mais antiga relíquia da família. Criavam galinha, porcos e coelhos, que eram a alegria dos quatro filhos.

Foi representante comercial, restaurador de móveis, inventor de uma fórmula guardada até hoje para restaurar e conservar móveis antigos, além de uma grande paixão, vender caixão. Falava deles como um artesão fala se sua obra.

Trabalhou incansavelmente até que o Diabetes começou a complicar, fato igual ai seu avó e pai que também morreram devido a esta doença. Adorava o que fazia, pois viajava muito nos três estados do Sul, conhecendo cada cidade como ninguém. Anos que acumulou centenas de amigos, sejam donos de hotéis, trabalhadores, policiais rodoviários, taxistas, empresários e, principalmente, a pessoas que pouco ou nada tinham, pois nunca deixou de dar atenção a eles.

Prestativo, sempre auxiliou em suas viagens os patrulheiros rodoviários na remoção de acidentados, pois sempre tinha como lema, que na estrada todos são iguais e assim, merecem a mesma atenção, principalmente quando se envolviam em acidentes.

Durante sua vida, mesmo com alguns defeitos, visto que ninguém é perfeito nesta vida, sempre deu a maior atenção a sua família, ou seja, mesmo nas dificuldades enfrentadas, nada lhes faltou. Mesmo com pouca educação formou sua filha em Medicina, ajudou sua esposa a se formar em Direito, auxiliou seu filho nos estudos de Jornalismo e, como pode, sempre esteve ao lado de todos nos bons e maus momentos.

Eloy, também conhecido como “bonitinho” ou até mesmo o “tintinha” pelos mecânicos e chapeadores, pois não podia ver um risco na lataria de seus carros que ia até os profissionais da área e chegava com a seguinte pérola “tem uma tintinha aí”, faleceu após dois anos sofridos pela diabetes no dia 19 de março de 2007. Deixou a esposa Renúncia, seus filhos Tânia, Vera, Sandra e Carlos, netos Michele, Felipe, Carlos Alberto da Silveira Júnior e os bisnetos João Pedro e Pedro Henrique.